

EDITORIAL

A pluralidade das expressões e identidades que permeiam o ser mulher possibilitam que sejam diversas as formas de compreensão histórica sobre esse grupo social. A intenção aqui não foi a de esgotar um assunto tão vasto, mas de contribuir para instigar debates acerca das experiências, vivências, formas de organização, epistemologias, saberes e historicidades femininas.

Relembramos datas importantes do calendário de lutas históricas das mulheres ao longo dos meses do ano. Começamos em 8 de março, o Dia Internacional da Mulher, que homenageia as mulheres de forma ampla, possuindo muitas vezes seu significado esvaziado em prol de uma lógica comercial, mas que em sua origem traz a rememoração das mulheres trabalhadoras e se mantém vivo nas ruas. Em 28 de junho, o Dia do Orgulho LGBTQIAP+, em referência a Stonewall e o ano de 1969, abarcou as mulheres que foram e são marginalizadas devido suas orientações e identidades sexuais e de gênero. Em 25 de julho, o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, fundado em 1992, visou denunciar o racismo e machismo da violência colonial e capitalista, na qual ressaltamos as expressões do feminismo negro e do mulherismo africana. Em 05 de setembro, o Dia Internacional da Mulher Indígena, criado em 1983, resgata a memória coletiva de enfrentamento e luta das mulheres dos povos originários, destacando o conflito direto com o agronegócio em suas fronteiras há mais de 500 anos.

Se por um lado consideramos avanços tecnológicos-científicos no século XXI, por outro, a saúde do corpo com vulva teve apenas em 2009, a primeira ressonância magnética clitoriana, feita pela urologista Helen O`Connell. A discussão sobre o direito ao prazer e ao orgasmo se fortaleceu, pois passamos a ter o desenho do clitóris. Historicamente, as pesquisas médicas sobre a saúde das mulheres cis e das pessoas com vulva num geral, era antes invisibilizada e voltada apenas para as questões reprodutivas que

envolviam o canal vaginal, as trompas de falópio, os ovários e o útero. Apesar do legado de saberes ancestrais e de conhecimentos populares sobre a sexualidade, existiu historicamente um silenciamento pelos projetos ocidentais de cultura e educação. Desde então, o prazer passou a ser tema de debates no cotidiano e nas mídias sociais, visto que estudos diversos marcam que entre 80%-50% das mulheres cis nunca tiveram orgasmos ou possuem dificuldade de acessá-lo.

Complexificando a crítica ao Ocidente, evidenciamos as posições que exacerbam a violência contra as mulheres em sociedades orientais e que não reconhecem a similaridade do machismo e do patriarcado nas mais diversas civilizações, principalmente, no próprio Ocidente. Os discursos de solidariedade das feministas brancas ocidentais às mulheres afegãs, após a retirada total das tropas estadunidenses e a volta do Talibã ao poder em 2021, não foram válidos se não houve compadecimento desde então com as mulheres afetadas pela ocupação imperialista ao longo dos últimos 20 anos.

De nada serve também as manifestações virtuais de atrizes francesas cortando pequenas mechas de cabelo em suposta solidariedade após o assassinato de Mahsa Amini pela polícia iraniana, por não cumprir com padrões de vestimentas do país. Isso porque os casos de xenofobia e islamofobia com persas e árabes na França, são alarmantes pela proibição do uso do *hijab* e demais indumentárias religiosas – sendo as feministas brancas muitas vezes coniventes com essa restrição. Prestamos solidariedade internacional a todas as mulheres respeitando seus direitos políticos, sociais, sexuais, reprodutivos, religiosos e de autodeterminação cultural.

Esse dossiê veio para somar ao campo das Ciências Humanas do Sul Global no fortalecimento das pesquisas de gênero, em sua complexidade e no destaque do justo espaço de mulheres na historiografia.

Por fim, agradecemos aos apoios da CAPES pela verba PROAP para revisão dos textos e da verba da RTI/FAPESP para diagramação deste volume.

Editoras-chefe: Débora Pinese Frias e Priscilla Marques